

Hiperorganismo: arte, campo e individuação na cultura contemporânea

Hyperorganism: Art, Field, and Individuation in Contemporary Culture

Carlos Augusto Moreira da Nóbrega¹

Resumo

Este artigo propõe o conceito de hiperorganismo (Nóbrega, 2023) como operador para tensionar a distinção entre paradigma e sintagma na cultura contemporânea. Em diálogo com Gilbert Simondon, compreende a obra de arte não como objeto, mas como processo de individuação distribuída emergente de um campo pré-individual. A partir da noção de “moistmedia” de Roy Ascott, argumenta-se que sistemas vivos e técnicos coevoluem em regimes reticulares de relação. O trabalho *Cuenca* é apresentado como caso no qual humanos, plantas, dispositivos e fluxos ambientais constituem um hiperorganismo em operação. Ao incorporar a noção de redes sutis, o artigo amplia o estatuto ontológico das entidades, incluindo dimensões perceptivas e afetivas como componentes efetivos do sistema. Sustenta-se, assim, que a condição contemporânea não se reduz a novos paradigmas nem a reorganizações sintagmáticas, mas implica uma transformação no próprio regime de individuação. O hiperorganismo descreve essa condição como campo de coemergência e encantamento técnico-estético.

Palavras-chave: hiperorganismo, individuação, campo, redes sutis, paradigma, encantamento.

Abstract/resumen/resumé

*This article proposes the concept of the hyperorganism (Nóbrega, 2023) as an operator to tension the distinction between paradigm and syntagm in contemporary culture. In dialogue with Gilbert Simondon, it understands the work of art not as an object, but as a process of distributed individuation emerging from a pre-individual field. Drawing on Roy Ascott's notion of “moistmedia”, it argues that living and technical systems coevolve within reticular regimes of relation. The work *Cuenca* is presented as a case in which humans, plants, devices, and environmental flows constitute a hyperorganism in operation. By incorporating the notion of subtle networks, the article expands the ontological status of entities, including perceptual and affective dimensions as effective components of the system. It thus argues that the contemporary condition cannot be reduced either to new paradigms or to syntagmatic reorganizations, but rather implies a transformation in the very regime of individuation. The hyperorganism describes this condition as a field of co-emergence and techno-aesthetic enchantment.*

Keywords: hyperorganism, individuation, field, subtle networks, paradigm, enchantment.

¹Carlos Augusto (Guto Nóbrega) é artista e professor da EBA/UFRJ, membro do PPGAV/UFRJ e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em Interactive Arts (Universidade de Plymouth, 2009) e pós-doutor em Arte e Tecnologia (UnB, 2019), fundou o NANO – Núcleo de Arte e Novos Organismos. Desde 2023 é Vice-Decano do CLA/UFRJ e Coordena a SER – Sustentabilidade e Educação Regenerativa da UFRJ.

Contexto

O presente artigo articula uma ontologia estética do hiperorganismo² (Nóbrega, 2023) como operador conceitual capaz de tensionar a distinção entre paradigma e sintagma no contexto da cultura contemporânea, no qual tal conceito é compreendido não como metáfora, mas como condição ontológica emergente de ambientes tecnoculturais reticulares. Para tanto, iremos nos reaproximar da condição “*moistmedia*”, antecipada por Roy Ascott (2000; 2014), a qual descreve a convergência entre sistemas digitais e biológicos como um campo híbrido no qual processos de percepção, cognição e materialidade se tornam distribuídos, configurando um regime relacional. Ainda neste contexto, a obra de arte pode ser compreendida como uma “matriz de um sistema psíquico” (Ascott, 2003, p. 180), na qual artista e participante operam conjuntamente um diagrama de forças. Tal modelo pode ser compreendido não como estrutura, mas como campo relacional no qual diferentes regimes de comportamento se encontram e se transformam mutuamente. A obra de arte deixa de ser portadora de significado para constituir-se como condição de sua emergência, operando como um sistema de transações no qual artista e participante co-produzem sentido. Em consonância com a teoria da individuação de Gilbert Simondon (2020), propomos pensar a obra de arte como configuração metaestável oriunda de um campo pré-individual, no qual organismos biológicos, objetos técnicos, sistemas informacionais e processos ambientais se acoplam em regimes dinâmicos de relação. Com vistas a tal integração, voltamo-nos agora ao conceito de “*moistmedia*”.

Moistmedia

O conceito de “*moistmedia*”, formulado por Roy Ascott (2000; 2014), pode ser compreendido a partir de três panoramas centrais. Trata-se, por princípio, de uma hibridação radical entre natural e artificial: o “seco” do digital, materializado nos sistemas computacionais, nas redes e virtualizações, e o “úmido” do biológico,

² O termo “Hiperorganismo” foi cunhado por este autor durante sua tese de doutoramento, a qual pode ser lida em seu livro *Hiperorganismos. Arte, tecnologia, coerência, conectividade e o campo integrativo* (Nóbrega, 2023). Voltaremos a esse termo, em detalhes mais adiante neste artigo.

caracterizado pela vida, corpo e processos orgânicos, deixam de constituir domínios separados para operar em continuidade, não se configurando como uma simples integração, mas a emergência de um novo campo de existência, no qual matéria, informação e cognição se entrelaçam de forma indissociável. Em segundo lugar, esse campo é articulado por meio da triangulação das chamadas três realidades (*Three VRs*): a *Virtual Reality*, associada às tecnologias digitais imersivas e à conectividade telemática; a *Validated Reality*, correspondente ao regime consensual e operativo da experiência cotidiana; e a *Vegetal Reality*, ligada a estados de consciência mediados por plantas e às experiências enteogênicas. É no entrelaçamento dessas três dimensões que o “*moistmedia*” se configura como espaço híbrido, no qual percepção, matéria e consciência se reconfiguram simultaneamente. Nesse contexto, a dimensão vegetal oferece uma abertura particularmente relevante, ao permitir pensar o que temos denominado “Redes Sutas” (Nóbrega, 2025, p.64), não como um domínio separado, mas como qualidade emergente do campo, funcionando como um modelo experiencial capaz de mapear as inter-relações entre sistemas, corpos e ambientes como campos de força em modulação. Por fim, “*moistmedia*” implica um deslocamento da cultura centrada em objetos para uma cultura orientada por processos, interação e emergência. A arte deixa de produzir formas estáveis para instaurar condições nas quais experiências, relações e estados de consciência possam emergir, deslocando a ênfase de produto para processo, de recepção para negociação, de representação para construção de realidade. É nesse sentido que percebemos a conexão com a filosofia de Gilbert Simondon e sua abordagem para os processos de individuação à luz das noções de forma e informação.

Individuação

A compreensão do trabalho de arte como objeto autônomo repousa, em grande medida, sobre uma ontologia que pressupõe a estabilidade das formas e a anterioridade das entidades frente às relações que as constituem. Nesse modelo, a forma aparece como estrutura delimitada, dotada de identidade própria, enquanto a relação surge como atributo secundário, estabelecido posteriormente entre unidades

já dadas. Tal perspectiva encontra ressonância tanto no hilemorfismo clássico³ quanto em certos desdobramentos modernos do formalismo, nos quais a obra se apresenta como configuração estabilizada a ser percebida ou interpretada.

Em contraste, a teoria da individuação de Gilbert Simondon propõe um deslocamento decisivo ao situar o problema não no nível das entidades, mas no das operações que as constituem. O indivíduo deixa de ser compreendido como substância para ser pensado como resultado provisório de um processo, isto é, como resolução metaestável de um campo de tensões. Nesse contexto, a forma não precede o ser, mas emerge de um regime de relações que a tornam possível.

A análise do processo de fabricação do tijolo, apresentada por Simondon, é exemplar nesse sentido. Ao discutir a relação entre argila e molde, o autor demonstra que a forma não atua como princípio organizador absoluto, mas como limite e condição de modulação de um conjunto de forças em interação.

“Uma energia potencial, traduzindo-se no seio da argila por forças de pressão, atualiza-se durante o preenchimento. Atualizando-se, a matéria veicula consigo a energia potencial; a forma, representada aqui pelo molde, desempenha um papel informante ao exercer forças sem trabalho, forças que limitam a atualização da energia potencial da qual a matéria é momentaneamente portadora.” (Simondon, 2020b, p.45)

Percebemos que a argila não é matéria passiva, mas portadora de energia potencial, enquanto o gesto técnico introduz um regime de atualização dessa energia, resultando em uma forma que não é imposta, mas emergente do sistema (SIMONDON, 2020b, p.45). O que se produz, portanto, não é a aplicação de uma forma (molde) sobre uma matéria, mas a individuação de um sistema no qual diferentes regimes de energia se compatibilizam.

Esse panorama nos permite repensar o estatuto do trabalho de arte contemporâneo. Se, no paradigma clássico, a obra é concebida como forma estabilizada, à luz da individuação ela passa a ser compreendida como campo de modulação, no qual múltiplas forças, sejam elas materiais, técnicas ou perceptivas, se articulam em um

³ O modelo hilemórfico aristotélico pressupõe que todo ente resulta da união entre matéria e forma, sendo a forma responsável por conferir identidade e estrutura ao objeto. Nesse esquema, a forma precede logicamente o indivíduo, ao passo que a matéria funciona como substrato passivo sobre o qual ela se impõe. Para aprofundamento ver Metafísica. (Aristóteles, n.d.)

processo aberto. A forma visível deixa de ser princípio ou finalidade para se afirmar como manifestação provisória de um sistema em operação. Nesse sentido, o trabalho de arte não é um objeto, mas um evento: não uma entidade delimitada, mas uma configuração dinâmica em contínua transformação.

Tal deslocamento implica também uma reformulação da própria noção de relação. Longe de ser um vínculo externo entre termos previamente constituídos, a relação torna-se condição constitutiva do sistema, sendo anterior à individuação das próprias entidades. O que se observa, então, não é a interação entre elementos independentes, mas a coemergência de formas, comportamentos e regimes de percepção em um mesmo campo. É nesse horizonte que se torna possível compreender a arte contemporânea como prática de individuação distribuída, na qual o sensível se produz como efeito de acoplamentos entre diferentes ordens de realidade.

É nesse contexto que consideramos a noção de “*moistmedia*”, proposta por Roy Ascott, não apenas como hibridação entre o seco (digital) e o úmido (biológico), mas como um regime de individuação distribuída no qual sistemas vivos e técnicos coevoluem por meio de feedback, ressonância e acoplamento ambiental. As práticas artísticas passam, assim, a operar como fenômenos de campo, nos quais humanos, plantas, dispositivos, fluxos de dados e sinais ambientais se articulam em circuitos recursivos. O que daí emerge não é uma entidade previamente dada, mas uma configuração dinâmica cuja forma corresponde à atualização das forças que atuam em sua constituição, instaurando modos de experiência marcados por processos de encantamento técnico-estético. É precisamente essa emergência relacional que temos designado como hiperorganismo.

O hiperorganismo é aqui pensado como um sistema estético relacional no qual a individuação não reside em nenhum dos elementos isoladamente, mas emerge do campo de interações entre artista, obra, público, dispositivos técnicos e ambiente. Integrando dimensões materiais e telemáticas, ele não constitui uma unidade estável, mas um nó em rede cuja coerência se estabelece por acoplamentos, trocas e retroalimentações contínuas. Inserido na linhagem dos objetos técnicos em Simondon (2020), o hiperorganismo desloca a individuação para além do artefato,

configurando-se como uma condição dinâmica de coemergência entre entidades heterogêneas.

Paradigma ou sintagma

Com base no exposto, argumentamos que a cultura contemporânea não pode ser adequadamente descrita nem como emergência de novos paradigmas, nem como mera reorganização sintagmática de estruturas pré-existentes. Em vez disso, o modelo hiperorgânico aponta para uma transformação no próprio regime de individuação, no qual a distinção entre objeto, processo e relação se torna instável, e no qual sistemas culturais, técnicos e ecológicos passam a operar como campos de coemergência.

A distinção entre paradigma e sintagma pressupõe uma estabilidade ontológica subjacente, na qual mudanças culturais podem ser compreendidas ora como substituição de modelos, ora como reorganização de elementos dentro de uma mesma estrutura. No entanto, diante da condição tecnocultural contemporânea, marcada pela interpenetração entre sistemas técnicos, processos biológicos, fluxos informacionais e regimes perceptivos, essa oposição revela-se insuficiente.

Ainda que a noção de paradigma, tal como elaborada por Thomas Kuhn, tenha sido fundamental para compreender rupturas nos modos de produção do conhecimento, sua aplicação ao contexto atual encontra limites, na medida em que as transformações em curso não se restringem à substituição de modelos explicativos, mas incidem sobre o próprio modo de constituição das relações entre sujeitos, objetos e ambientes. De forma semelhante, a leitura sintagmática, ao enfatizar rearranjos combinatórios, tende a operar sobre unidades já dadas, sem questionar o estatuto ontológico dessas mesmas unidades.

É nesse ponto que se insere o conceito de hiperorganismo (Nóbrega, 2023), aqui compreendido não como metáfora, mas como condição ontológica emergente de ambientes tecnoculturais reticulares. Ele é importante por nos ajudar a compreender a realidade contemporânea como um campo de coemergência no qual organismos,

dispositivos técnicos, sistemas informacionais e processos ambientais se acoplam em regimes dinâmicos de relação.

Dentro dessa perspectiva, o trabalho *Cuenca* se apresenta como um caso exemplar, não no sentido de ilustrar um conceito previamente dado, mas como instância concreta na qual o hiperorganismo se atualiza enquanto processo. Ao operar na interface entre organismos vivos, dispositivos técnicos e fluxos ambientais, *Cuenca* evidencia uma condição na qual a obra deixa de ser objeto para se constituir como campo de relações em contínua modulação.

Cuenca

O trabalho *Cuenca*, instalação interativa apresentada na exposição individual deste autor na Fundación Andreani, em Buenos Aires, em 2025, nos permite observar de maneira concreta esse deslocamento do objeto para o processo, ao configurar-se não como dispositivo interativo no sentido clássico, mas como campo de individuação em operação. Nele, humanos, plantas, fluxos hídricos e sistemas técnicos não se articulam como componentes independentes, mas como dimensões interdependentes de um mesmo sistema metaestável.

A instalação parte da noção de bacia hidrográfica como organismo planetário, estabelecendo uma correspondência entre corpo, ambiente e circulação de fluxos. Uma estrutura de madeira entalhada com o desenho da bacia do Riachuelo, uma “cama-rio”, conduz continuamente um fluxo de água, sob o corpo do participante. Sobre sua cabeça, um reservatório luminoso projeta variações cromáticas sobre seu corpo. Ainda faz parte desse sistema uma espécie de capacete/terrário na qual plantas vivas, conectadas a sensores de condutividade, captam variações eletrofisiológicas associadas à respiração do participante, a qual é conduzida às folhas do terrário com a ajuda de um pequeno ventilador. Os sinais derivados da condutividade elétrica das plantas do terrário são processados por um microcontrolador, o qual modula luz e som em tempo real. No entanto, para nossa discussão, importa considerar que a especificidade de *Cuenca* não reside na integração técnica desses elementos, mas na maneira como o sistema se mantém aberto à variação. A presença da planta introduz um regime de indeterminação que

impede o fechamento programático do dispositivo. Suas respostas eletrofisiológicas, sensíveis a múltiplos fatores ambientais, fazem com que o sistema nunca se repita de forma idêntica, instaurando um campo de comportamento no qual previsibilidade e controle são sempre parciais.

Nesse contexto, a respiração do participante não atua como comando, mas como vetor de acoplamento. Ao deitar-se sobre a estrutura e respirar, o corpo não controla o sistema, mas entra em relação com ele, participando de um circuito no qual sinais biológicos, fluxos materiais e mediações técnicas se modulam mutuamente. A obra, assim, não pode ser localizada em um objeto ou em uma interface específica. Ela emerge do próprio sistema de relações que a constitui. Nesse sentido, inferimos que a experiência estética deixa de ser a apreensão de uma configuração para tornar-se atuação em um campo de forças, no qual padrões surgem, se transformam e se dissipam.

Em *Cuenca*, o que está em jogo não é o sistema em si (dimensão técnica), mas a dinâmica relacional que ele sustenta. O sistema não se fecha sobre uma lógica de causa e efeito, mas se mantém em estado de abertura, exigindo do participante uma atenção prolongada e uma disponibilidade para o devir. Cabe dizer, como relato pós exibição, que ao se deitar na cama-rio o participante demonstrava uma atenção plena, modulada pela circularidade da água, o ritmo das luzes, a sonoridade em baixas frequências do sistema, com o qual ele entrava em ressonância com a sua respiração.

/PARADIGM^{as} SIIMI/2026

XIII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas

XIII simposio internacional de
innovación en medios interactivos
XIII international symposium on
innovation in interactive media

MAI
06-09
GYN/BR



Fig. 1: *Cuenca*, de Guto Nóbrega. Instalação interativa apresentada na exposição individual na Fundación Andreani, em Buenos Aires em 2025. Foto: Guido Limardo. Cortesia: Fundación Andreani.

Conclusão

Mais do que responder se estamos diante de um novo paradigma ou de uma reorganização sintagmática, sugerimos que a cultura contemporânea instaura um deslocamento mais profundo: uma transformação no próprio regime de individuação, no qual a distinção entre objeto, processo e relação se torna instável. Comprendemos que as transformações em curso no horizonte técnico-estético atual não se esgotam na emergência de novos paradigmas, nem podem ser reduzidas a reorganizações sintagmáticas de estruturas pré-existentes. Tanto a noção de “*moistmedia*”, tal como formulada por Roy Ascott, quanto a perspectiva da individuação em Gilbert Simondon apontam para um deslocamento mais profundo, no qual o foco deixa de recair sobre as formas estabilizadas ou sobre seus modos de organização, para incidir sobre os processos pelos quais tais formas emergem. É nesse horizonte que o hiperorganismo se apresenta não como modelo ou metáfora, mas como expressão de uma condição contemporânea na qual humanos, organismos vivos, dispositivos técnicos e ambientes passam a coemergir em regimes distribuídos de relação e individuação.

Nota de agradecimento: Agradecemos ao CNPq pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.

Acknowledgement: We would like to thank CNPq for its support for the research that led to this article.

O autor declara o uso de inteligência artificial exclusivamente como suporte à revisão linguística e organização bibliográfica, mantendo integralmente a autoria intelectual do trabalho.

Referências

Aristóteles. (n.d.). *Metafísica* (Livro VII, trad. W. D. Ross). In *Perseus Digital Library*. Tufts University. Recuperado em 2 maio, 2026, de <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Aristot.+Met.+7>

Ascott, R. (2000). *Moistmedia, technoetics and the three VRs*. In *Proceedings of ISEA 2000 (International Symposium on Electronic Art)*. Paris, France.

Ascott, R. (2003). Towards a field theory for post-modernist art. In *Telematic embrace: Visionary theories of art, technology, and consciousness* (pp. 178–183). University of California Press.

Ascott, R. (2014). *When the medium is moist* [Opening keynote lecture]. CAC4 Symposium, Rio de Janeiro, Brazil.

Nóbrega, C. A. M. da. (2023). *Hiperorganismos: Arte, tecnologia, coerência, conectividade e o campo integrativo*. Circuito.

Nóbrega, C. A. M. da. (2025). Em busca de redes sutis. In P. Gobira (Org.), *Transcendências digitais: arte, ancestralidade, magia e feitiço* (pp. 55–68). LPF Edições / Laboratório de Poéticas Fronteiriças – UEMG.

Simondon, G. (2020). *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Contraponto.

Simondon, G. (2020b). *A individuação à luz das noções de forma e informação*. Contraponto.